

MARIA MADALENA NOS TEXTOS APÓCRIFOS E NAS SEITAS GNÓSTICAS

Wilma Steagall De Tommaso
Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP
wilmatommaso@uol.com.br

Resumo: Maria Madalena, que serviu e seguiu Jesus de Nazaré, é a mulher mais citada nos Evangelhos Canônicos. Sua participação nos Evangelhos deu margem a que ela se tornasse um personagem híbrido, composto de mais duas mulheres. Esses fatos e os textos apócrifos onde ela aparece como a portadora do conhecimento (gnose), a companheira de Jesus, e outros atributos que causavam ciúme nos outros apóstolos, foram importantes para desenvolver a base do gnosticismo. Essa seita se expandiu com muita intensidade e diversidade nos primeiros séculos do cristianismo. A Igreja combateu de forma rigorosa os gnósticos, que ela considerava hereges. É no meio de um embate como esse, que teve seu fim no século IV, que Maria Madalena ainda hoje permite as mais diversas construções literárias.

Palavras-chave: Maria Madalena; apócrifos; gnosticismo; cristianismo.

Abstract: Mary Magdalene served and followed Jesus of Nazareth. She is the woman mentioned in the Canonic Gospels. Her participation in the Gospels afforded her the opportunity to become a hybrid character, a combination of two other women. These facts and the apocryphal texts where she is shown as the one who has the knowledge (gnosis), Jesus' companion and other attributes that raised jealousy on the other apostles were important for the development of the basis of Gnosticism. This sect expanded with high intensity and diversity during the first centuries of Christianity. The Church went up against Gnostics in a very rigorous way and they were considered heretics. In the middle of this clash of ideologies (that came into and end in the 4th century) Mary Magdalene still allows various and different literary constructions.

Key-words: Mary Magdalene; Apocryphal; Gnosticism; Christianity.

Introdução

Maria Madalena se impõe ao tempo. Dentre os que conviveram com Jesus Cristo, homens e mulheres, é essa mulher desconhecida, porém discutida e construída através do tempo, que ainda desperta a curiosidade e a fascinação por sua vida, muitas vezes associada à intimidade do homem que foi Deus aqui na Terra. No recente e polêmico romance *O Código Da Vinci*, por exemplo, embora não apresente nenhuma novidade, Maria Madalena aparece como companheira de Jesus e mãe de uma suposta filha que teria dado início a uma sagrada linhagem. Mas de onde teriam vindo essas informações que o autor Dan Brown insiste em revelar como verdadeiras? Segundo Brown, trata-se de um romance baseado em fatos reais, que foram ocultados pela Igreja. Aí estaria implícita uma resposta. Seria a Igreja Católica a responsável por esconder de seus fiéis que Jesus se casara com Maria Madalena e constituiu com ela uma família? Por que, então, os Evangelhos Canônicos não revelam esse importante evento? Isso estaria relacionado com toda a polêmica de a Igreja ser ainda hoje uma instituição cuja direção está há dois mil anos sob o jugo do poder masculino. Deixando o problema de gênero de lado e pesquisando Maria Madalena, encontramos algumas respostas que podem esclarecer quem foi realmente essa mulher. Todas as Marias que aparecem nos Evangelhos são reconhecidas por suas famílias: Maria mãe de Jesus; Maria de Cléofas; Maria irmã de Marta e de Lázaro. E Maria de Magdala? Madalena não é sobrenome, provinha de el-Mejdel, que era uma cidade a noroeste do lago da Galiléia, seis quilômetros ao norte de Tiberíades, lugar onde Madalena pode ter nascido. Pesquisou-se muito essa cidade porque, ao conhecê-la melhor, poder-se-ia, talvez, ter mais referências sobre Maria Madalena.

Quem é Maria Madalena

El-Mejdel ou Migdal foi um centro importante de comércio em sua época, uma rota internacional onde pessoas com religiões e costumes diferentes se encontravam no mercado. Uma cidade próspera onde era realizado o comércio de peixe salgado, tecido tingido e diversos produtos agrícolas. Foi para os padrões da época uma cidade tolerante, na qual conviviam as culturas judaica e helênica. Em 75 d.C., foi destruída por causa da infâmia e da conduta licenciosa de seus habitantes, fato que pode também ter contribuído para alterar o nome e a reputação de Maria Madalena. Ainda hoje há um letreiro oxidado, próximo ao lago, que informa ao turista que “Magdala ou Migdal foi uma cidade próspera ao final do período do Segundo Templo e foi também a cidade de Maria Madalena, a qual ‘seguiu e serviu a Jesus’” (Haskins, 1993, p. 35).

O nome Madalena deriva, pois, do lugar de origem, a cidade de Magdala, do hebraico migdal e do aramaico magadala, que significa torre. Do alto da torre, Maria Madalena viu longe, com a acuidade de visão que se já se constatou e serviu-lhe para escutar o sepulcro vazio. Ela tinha olhos para ver o que os outros homens e mulheres, confusos, não viam.

Maria Madalena, pode-se dizer, era de origem judaica, mas não foi definida como outras mulheres dos Evangelhos Canônicos, ou seja, pela família, mas por sua cidade de origem. O fato que intriga, e que talvez tenha gerado ao longo desses dois milênios de cristianismo tantas hipóteses e construções fantasiosas sobre Maria Madalena, é que ela não aparece como filha, esposa ou irmã de nenhum homem. Essa independência feminina em uma sociedade dominada por homens tem intrigado muitos pesquisadores.

É no Evangelho de Lucas que Maria Madalena aparece como a mulher que seguia Jesus e de quem são expulsos sete espíritos malignos. Há um aspecto interessante nessa passagem, pois não é um demônio, nem uma legião de demônios que são expulsos, porém sete: “Sete é o número da salvação e do que é divino” (Lurker, 1993, p. 228).

São também sete os pecados capitais: gula, luxúria, ira, orgulho, vaidade, preguiça e inveja. Se fizermos uma associação dos sete demônios expulsos por Jesus de Maria Madalena e dos sete pecados capitais, pode-se dizer que o que houve foi uma total libertação dessa mulher; aconteceu sua salvação integral, uma metanóia,¹ não apenas uma conversão. Pecado e possessão demoníaca eram coisas diferentes. Naquela época, a possessão demoníaca era entendida essencialmente como uma enfermidade, não acentuava os aspectos morais, não era considerada como um pecado. Em uma interpretação mais literal, pode-se dizer que aconteceu, naquele momento da expulsão dos sete demônios, não um simples arrependimento dos pecados, mas a imersão em uma vida autêntica e redimida; Maria Madalena emergiu de uma vida de escravidão para uma libertação. Mas por que se associa Maria Madalena sempre a uma pecadora arrependida e não a uma mulher que foi reconciliada? Pois a Maria Madalena histórica, aquela que está nos quatro Evangelhos Canônicos, é testemunha do sacrifício, morte e Ressurreição de Jesus; mulher que seguiu como discípula e serviu a Jesus de Nazaré.

Há exegetas que fazem essa associação, Maria Madalena/pecadora arrependida, porque há um relato anterior ao episódio da expulsão dos demônios (Lc 8, 2),² em que uma pecadora anônima unge os pés de Jesus na casa de Simão, o fariseu, e é perdoada por Ele (Lc 7, 37-50). A proximidade desses fatos favoreceu a associação das duas mulheres, ou seja, Maria Madalena e a pecadora anônima. Como há, no Evangelho de João, a unção de Betânia, e nele é Maria, irmã

¹ Metanoé, um verbo bastante neutro em grego profano: “mudar posteriormente, mudar de ideia, ter remorso”. Na Bíblia, exprime a conversão religiosa e moral. Seu campo léxico no N.T. associa-o à fé (Mc 1,15), ao batismo (At 2,38) e ao perdão dos pecados (Lc 7,13). A conversão (metanoia) está ainda ligada ao retorno (At 3,19, com epistrephó) (cf. Wénin, 2004, p. 457).

² As referências bíblicas deste texto são da Bíblia de Jerusalém.

de Marta e de Lázaro, que unge Jesus, as três mulheres se tornaram apenas uma: Maria Madalena.

Em suma, é essa Madalena que muitos historiadores denominam mulher híbrida, a saber: Maria, irmã de Marta e de Lázaro; a pecadora anônima que ungiu Jesus na casa de Simão, o fariseu; e Maria Madalena, de quem Jesus expulsou sete demônios.

A confusão da identidade das três mulheres remonta ao século III, e foi no final do século VI que o Papa Gregório Magno (540-604) pôs fim à questão ao declarar que Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora anônima eram a mesma pessoa.

Apesar de muitos séculos terem se passado e a visão de Madalena ter mudado para a Igreja, essa declaração de Gregório Magno ainda suscita discussões.

De acordo com os relatos dos Evangelhos, nada há contra a moral de Maria Madalena, pois estar possuído por sete demônios não era considerado pecado. Ao se fazer uma leitura atenta dos fatos, não se chega à conclusão de que Maria Madalena tenha sido uma mulher adúltera. O que acontece é que, ao ser identificada com a pecadora anônima de Lucas e com Maria de Betânia, incorpora a mulher de cabelos longos e soltos que serviram para secar os pés de Jesus. Essa imagem evoca a feminilidade e também a sexualidade, que induz a uma associação com o pecado.

Hoje a Igreja reconhece em Maria Madalena a mulher de quem Jesus expulsou sete demônios; a que seguiu e serviu Jesus nas pregações; a que acompanhou a Paixão e a morte de Jesus e como a primeira testemunha da Ressurreição. Em 1978, os epítetos “penitente” e “pecadora” foram suprimidos da seção dedicada a Maria Madalena no Breviário Romano, eliminando assim um estigma que havia sido acentuado, principalmente por ocasião da Contra-Reforma, quando Maria Madalena teve a importante função de ser o exemplum. Completamente contra o protestantismo e sua doutrina da graça e da predestinação, a Contra-Reforma enfatizou a doutrina da penitência e do mérito. Nessa época, séculos XVI e XVII, Maria Madalena exerceu um importante papel como a pecadora-penitente e como a pessoa que foi favorecida por excelência (Cf. Boer, 2000, pp. 25-26).

Nos evangelhos apócrifos, Maria Madalena não aparece como pecadora penitente, no entanto, em alguns textos, ela é a companheira de Jesus, ou seja, ela teria sido casada com Jesus. Maria Madalena nesses textos é a discípula preferida, aquela que mais compreende as palavras do Mestre e muitas vezes causa ciúme entre os discípulos.

O termo apócrifo, na antiguidade, era atribuído a livros cujo acesso era reservado aos iniciados ou que não se deviam ler em público. Desde o século IV, isto é, depois que foi fixado e fechado o “cânion” das Sagradas Escrituras, o nome tomou na Igreja cristã uma conotação negativa, ao mesmo tempo uma significação bastante imprecisa: são declarados apócrifos livros não canônicos que, em certos casos, teriam sido compostos ou utilizados por hereses e que seriam posteriores aos textos canônicos.

Há textos apócrifos que fazem parte da literatura cristã, como: os de origem judaica, depois cristianizados; textos cristãos compostos nos três primeiros séculos e textos cristãos compostos após a fixação do “cânon”, como, por exemplo, narrações da infância de Jesus, vidas hagiográficas de apóstolos e de figuras bíblicas. (Junod, 2004, pp. 167-168)

Dentre os textos apócrifos, alguns acrescentaram informações que se tornaram histórias na tradição cristã. Outros, pelo conteúdo de mistério, deram origem às seitas gnósticas. A pesquisa sobre Maria Madalena nos Evangelhos Canônicos leva à frustração, pelo escasso número de dados que revelam a identidade dessa mulher. Ela também não é citada nos Atos dos Apóstolos, nas Epístolas, nem no Apocalipse de João, mesmo tendo sido citada, enquanto personagem híbrido, dezoito vezes nos Evangelhos.

O silêncio dos apóstolos em relação a Maria Madalena desperta em Dauzat uma reflexão crítica e ao mesmo tempo poética:

Bem-aventurada encarnação do niilismo cristão, Madalena pode então se apagar. Sua vida é breve, muito breve. Ela vai desaparecer nos Atos dos Apóstolos e das Epístolas. Nem Paulo, naturalmente, nem Pedro “não dão um piu” sobre ela. Mesmo João não acreditou na importância de falar sobre ela nas suas cartas, nem no Apocalipse. Para todos aqueles que seguem, ela inexistente. Uma terceira vez, Maria Madalena não existe: “Non mi bisogna e non mi basta”, dizem em coro todos os apóstolos, “Eu não preciso mais dela e ela já não me basta”. (2001, p. 144)

Já Esther de Bôer (2000) faz referência à Carta aos Romanos, tentando provar uma possível citação paulina onde são mencionadas algumas missionárias, incluindo Maria: “Saudai Maria, que muito trabalhou por vós” (Rm 16,6). Segundo a autora, essa Maria poderia ser Maria Madalena. Sabe-se, pelas evidências bíblicas, que o nome Maria ocorria muito em Israel. Atualmente, embora não haja confirmação, alguns estudiosos pressupõem que uma das razões para esse fato seria a popularidade da princesa Mariane, esposa de Herodes, o Grande, o rei dos hebreus que teria sido o responsável pelo assassinato das crianças na época em que Jesus nasceu.

De acordo com Paulo, Maria “trabalhou muito” para a comunidade em Roma. Essa é a mesma expressão que Paulo usa frequentemente para definir seu próprio trabalho missionário. Se uma das Marias do Novo Testamento parece, provavelmente, candidata ao trabalho missionário fora da Palestina, poderia ser Maria Madalena. Mais do que qualquer outra Maria, como ela passou a juventude na cidade de Magdala, estava familiarizada com a cultura helenística e com as diferentes nacionalidades do Império Romano. A questão que permanece é por que Paulo omite “Madalena”. Uma das respostas é que ele não dá nenhum epíteto aos nomes que menciona. Além do mais, ele não menciona nenhuma outra Maria. Não há, todavia, na literatura apócrifa,

um maior acúmulo de dados históricos a respeito de Maria Madalena. Além disso, os eventuais elementos de autenticidade histórica que se poderiam averiguar não são controláveis.

O que se poderia buscar na literatura apócrifa é uma comparação de perspectivas e um aumento de conhecimentos em relação à interpretação (Cf. Sebastiani, 1995, p. 55). Alguns textos apócrifos, “reservados e secretos”, revelam uma Maria Madalena amada por Jesus de uma forma diferente, uma discípula que não apenas o servia, porém uma líder que fazia sombra a Pedro, causando ciúme na comunidade apostólica. Ela é também o “espírito da sabedoria” o que a torna um “prato cheio” para o gnosticismo que surgiria a partir do primeiro século da Era Cristã.

Gnosticismo

O gnosticismo foi um movimento religioso que, nos primeiros séculos do cristianismo, desdobrou-se em uma multidão de seitas que partilhavam uma concepção de gnose em comum, combatida e rejeitada pela Igreja (Braun, 2004, p. 773).

Essas seitas acreditavam que a salvação vinha através do profundo conhecimento de si e de Deus, que a chave para a destruição era a ignorância e, para se chegar à perfeição, o homem deveria buscar o conhecimento (gnose). Foram várias e ecléticas as correntes gnósticas e muitas compartilhavam a ideia de que o mundo – portanto a carne e a matéria que o compunham – estava irremediavelmente corrompido e controlado por forças malignas, e que só o espírito era puro.

Segundo algumas seitas gnósticas, Deus não é o criador nem o governador do mundo, por isso há um enorme abismo entre Ele e o homem. Deus será sempre estranho e incognoscível ao homem, a não ser que o homem se converta no destinatário de uma revelação sobrenatural. Ao parecer dos gnósticos, Deus, o ser supremo do amor, não poderia ter criado este mundo caótico e malvado. Por essa razão atribuem a criação do mundo a uma deidade menor e imperfeita, o Demiurgo³. O homem, imperfeito por definição, era também obra do Demiurgo. A ignorância e o pecado do homem eram os responsáveis pela corrupção do mundo. O homem, feito de corpo, alma e espírito, estava condenado à danação. À exceção de alguns eleitos, que possuíam uma chama divina ou pneuma, que também era estranha ao mundo material, a humanidade não poderia se salvar. A fé gnóstica e o cristianismo ortodoxo, no princípio do século III, estavam tão relacionados que as seitas gnósticas cristãs floresciam por todo o Império Romano.

³ A idéia do Demiurgo já havia aparecido em O Timeu, de Platão, como o criador de um belo e harmonioso cosmos. Segundo um Salmo de Valentino, a queda de Sofia provocou a criação do Demiurgo que, por sua vez, foi o artífice do mundo e da matéria.

O gnóstico desejava transcender todos os males da humanidade neste mundo e só conseguiria mediante o verdadeiro conhecimento intelectual, e, portanto, acessível só a uma seleta minoria, cujos membros se denominavam “espirituais”. (Haskins, 1993, p. 55)

Essa gnose era revelada aos iniciados pelos escritos secretos e pela iluminação interior. Esses iniciados que supunham ter um conhecimento maior de Deus, de sua natureza espiritual e da existência humana, separam-se dos outros cristãos, que aceitavam que o conhecimento de Deus chegava até eles por meio dos bispos e clérigos da Igreja. Pode-se dizer que o gnosticismo foi um movimento antieclesial que resistia aos cristãos que se organizavam como Igreja. O gnóstico acreditava na presença divina em si mesmo e não em uma instituição humana, não havia necessidade de uma mediação institucional para se entrar em contato com Deus, também por isso os gnósticos se tornaram, para a Igreja, hereges da fé.

O surgimento do gnosticismo é ainda uma questão muito debatida, havendo uma tendência moderna em fazer coincidir em suas raízes a filosofia grega, sobretudo a platônica, mesclada a crenças judaicas, orientais e cristãs.

Até o século XIX, só se conhecia o gnosticismo e seus adeptos pelos escritos de seus adversários ortodoxos, sobretudo Irineu, Tertuliano (160-225), Orígenes (185-254), Hipólito de Roma (que morreu por volta do ano 200) e Epífanes (315-403) os quais consideravam as seitas gnósticas perversões heréticas e, portanto perigosas e, se esmeravam em descrevê-las com precisão, embora com subjetividade, a fim de refutar suas crenças. (Haskins, 1993, p. 55)

A partir do século IV, o gnosticismo foi relegado ao esquecimento, provavelmente devido ao intenso combate que sofreu da Igreja; porém, alguns de seus conceitos sobre o dualismo como a equivalência do espírito com o bem e da matéria, ou seja, a carne com o mal ainda permanecem, como podemos observar em Haskins:

Alguns elementos de seus preceitos duais, sobretudo a equiparação do espírito com o bem e da matéria ou a carne com o mal, seguem presentes no pensamento cristão hoje em dia, e seus indícios se encontram já na primeira ortodoxia cristã e nos ideais posteriores do monasticismo ocidental que influenciaram sobretudo no conceito medieval da virgindade e culminaram com a apoteose da Virgem Maria e na criação mítica de Maria Madalena. (Ibid., p. 56)

Maria Madalena nos textos apócrifos

Nos apócrifos gnósticos, em sua maior parte, escritos entre os séculos I e III, Maria Madalena tem um papel preponderante como encarnação terrestre da Sophia Celeste. Ela era considerada a intérprete e reveladora da doutrina gnóstica, “a mulher que conhecia o TODO” (Sebastiani,

1995, p. 56). Essa definição se encontra no texto apócrifo *Diálogo do Salvador*, no qual é Maria Madalena quem “revela a grandeza do Revelador”.

O *Pistis Sophia*, escrito no século II ou III d.C., baseado nos ensinamentos do Evangelho de Valentino, descreve a queda, o arrependimento, as iniciações e a reintegração da Sophia (Sabedoria), o princípio feminino que emanou da divindade. É o maior e mais elaborado dos textos gnósticos, o que mais referência faz a Maria Madalena.

É um tratado de doutrina gnóstica, estruturado como uma revelação, em forma dialógica, de Jesus ressuscitado a um grupo que abrange os onze e as quatro mulheres – Maria mãe de Jesus, Maria Madalena, Marta e Salomé – a maioria das perguntas a Jesus são colocadas por Madalena [...]. Pela profundidade espiritual das perguntas e das respostas, é louvada por Jesus, de uma forma muito mais solene do que qualquer outro interlocutor [...]. A ela Jesus se dirige diretamente como à pessoa que pode compreender, ao passo que aos outros discípulos pede um esforço de compreensão. (Sebastiani, 1995, p. 60)

A Maria Madalena que se conhece através dos Evangelhos Canônicos age, porém não há registros de suas falas ou de algum diálogo, salvo em João, quando fala a Simão e a outro discípulo que “retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos aonde o colocaram” e quando anuncia “Vi o Senhor” após o breve diálogo com Jesus ressuscitado no jardim do sepulcro vazio (Jo 20, 2.18), mas é desacreditada pelos apóstolos (Mc 16, 11).

Em alguns textos apócrifos do cristianismo, Maria Madalena se apresenta muitas vezes como uma líder que anuncia o Cristo aos apóstolos, visto que recebia d’Ele ensinamentos que os outros não entenderiam. Há também a disputa de poder em relação a Pedro, que sente ciúme por ela ter sido a preferida do Senhor. No Evangelho segundo Felipe,⁴ Jesus beijava Maria Madalena na boca, o que era uma forma de passar conhecimento (Felipe v. 31). Esse texto deixa implícito que Maria Madalena era companheira de Jesus, no sentido da mulher que consuma com o homem o ato sexual. No entanto, não se pode deixar de considerar que o amor erótico também era usado para exemplificar e expressar as experiências místicas. Nesse Evangelho de Felipe, a união espiritual entre Jesus e Maria Madalena, expressa por meio da sexualidade humana, é também uma metáfora da união de Jesus com a Igreja, assim como no Cântico dos Cânticos pode ser interpretado como uma alegoria do amor de Yaweh por Israel, seu povo. A união de Jesus e Maria Madalena pode ser aqui o símbolo da perfeita união espiritual.

No Evangelho de Tomé, Jesus diz que fará de Maria Madalena um homem, porque toda a mulher que se tornar homem entrará no Reino dos Céus (Tomé v. 114). Esse texto reflete um dualismo radical na essência da fé gnóstica. O princípio feminino é a carne. Só renunciando a ela pode-se voltar para o mundo perfeito, ou seja, o espiritual que consiste no masculino

⁴ As referências aos Evangelhos Apócrifos estão em Apócrifos e Pseudo-Epígrafes (2004).

primordial. Quando Jesus diz que fará de Maria Madalena um homem quer dizer que vai torná-la “espiritual”.

O Pistis Sophia relata a queda, o arrependimento e a redenção de Sophia, como o feminino primordial emanado do Ser Supremo, Deus. Vincula, então, Maria Madalena com a tradição das deidades femininas e ao mesmo tempo como a história de Eva. É uma narrativa sobre o excessivo orgulho feminino, que seria redimido em Maria Madalena.

O chamado Evangelho de Maria, um dos textos descobertos em Nag Hammadi, é atribuído a Maria Madalena⁵. Nesse Evangelho, Maria Madalena é a portadora da gnose e, por isso, detém uma autoridade inquestionável sobre os demais discípulos, daí a razão de Pedro se sentir ameaçado na sua liderança. Esse texto, como outros gnósticos, não conta a vida de Jesus, parte do tempo em que Ele já havia ascendido aos céus e os discípulos questionam Maria sobre os ensinamentos que só haviam sido revelados a ela.

O Evangelho que Maria Madalena anuncia se refugia na alegoria para, talvez, suprimir sua identidade sexual. Mesmo para os gnósticos ela é muito feminina, ou melhor, insuficientemente masculina. Eles dão a Maria Madalena uma última chance para não tirar a razão do evangelista João, que a coloca em destaque no episódio da Ressurreição.

Tudo o que acontece nos Evangelhos e remete ao olhar da divisão dos sexos desaparece em benefício da plenitude do anthropos. O menor é dado ao maior. Os Evangelhos Canônicos reservam um espaço ao feminino, ao passo que os gnósticos fazem desse momento apenas um passo para a marcha iniciática.

Os gnósticos ou a arte de “fabricar uma morte”. Sobre este capítulo, ao menos, os “canonistas” poderão dormir em paz: onde Paulo preferiu escolher o silêncio sobre Maria Madalena, eles a fizeram falar à exaustão para complicar a sua mensagem: sua humanidade. Quando tudo foi dito, a humanidade de Maria Madalena é tão fugaz quanto a do Cristo. (Dauzat, 2001, p. 155)

Nas seitas gnósticas que não acreditavam que o corpo do Cristo era humano, pois sendo o Messias não poderia ser obra do Demiurgo, Maria Madalena teve seu papel reduzido a “esperar Godot”, pois se Seu corpo não era humano, também não houve a Paixão, tampouco a Ressurreição, apenas uma encenação.

Um corpo que não morreu, não pode ressuscitar. Nesse caso, um dos episódios mais tocantes do cristianismo, a cena do Noli me tangere, onde Maria Madalena é privilegiada ao ser a primeira testemunha do evento que consagra o cristianismo, a Ressurreição, passaria a ser uma farsa.

⁵ Este texto foi organizado em forma de páginas, faltando os números de 1 a 6, assim como de 11 a 14, fato que, segundo Jean Yves Leloup (2000), dificulta a sua interpretação.

Considerações finais

Quanto a Maria Madalena ter sido a esposa de Jesus e esse fato ter sido ocultado pela Igreja, após a leitura dos textos apócrifos, devido à diversidade de informações, tal afirmativa parece inconsistente. Em relação à mulher, porém, Jesus teve uma atitude muito diferente à dos costumes da época, pois a tratou com igualdade, fato que causava estranheza até aos seus discípulos.

O combate da Igreja dos primeiros séculos ao gnosticismo foi dirigido à doutrina, ao enfoque teológico. Jesus é o Deus humanado, nascido de mulher, que trouxe a salvação a todos e não só a alguns escolhidos. A grande mensagem foi a do amor que através de Jesus Cristo traria a reconciliação à humanidade. Na salvação não há privilegiados. Para o cristão, há o poder da Graça, não há poder no conhecimento do ocultismo. Essa era a principal divergência. Naquele momento histórico, o fato de Jesus ter sido ou não casado não foi prioridade. Acredito, no entanto, que se Jesus foi casado, sem dúvida, sua companheira pode ter sido Maria Madalena.

Cada membro da Igreja que caminha para a busca da transcendência deveria se identificar com Maria Madalena, a pecadora que muito amou. Ter sido uma pecadora fez Maria Madalena muito humana; seu exemplo torna-se para o cristão a esperança da salvação apesar das fraquezas, dos pecados e da culpa inerente à humanidade.

Os apócrifos não tiveram a força, para o imaginário coletivo, que teve a Legenda Áurea e outras lendas, quando descrevem uma Maria Madalena menos judia e mais europeia. Na Legenda Áurea, após a Ascensão de Jesus, Maria Madalena, Marta, Lázaro e outros cristãos foram colocados em um barco sem leme e nem vela para morrerem à deriva. Porém, foram salvos pela Divina Providência que os conduziu ao sul da França, onde todos permaneceram até a morte. Nessa história, Maria Madalena, depois de evangelizar e converter pagãos, recolheu-se a uma gruta em Sainte-Baume e lá viveu solitária durante trinta anos (De Varazze, 2003, pp. 543-553). Ainda hoje, milhares de peregrinos vão à Basílica de São Maximino, perto de Aix-en-Provence e ascendem à gruta onde Maria Madalena permaneceu até a morte. Suas relíquias e o Santuário estão há sete séculos sob os cuidados da Ordem Dominicana.

De maneira geral, os apócrifos não contribuíram como a Legenda Áurea na forma artística como Maria Madalena foi representada através dos séculos, porém, o mesmo não aconteceu com a produção literária, que sempre se serviu desses textos apócrifos, que muitos poetas e romancistas utilizaram para construir suas Madalenas.

Em suma, as escassas referências a Maria Madalena no Novo Testamento mostram um personagem tão enigmático, misterioso, quanto poderoso. A limitada evidência biográfica de que se dispõe dá margem à criação de uma personalidade tangível, que permite as mais diversas interpretações. Os textos apócrifos não contribuem também para elucidar as origens de Maria

Madalena. Para os gnósticos, ela é a heroína; o símbolo da sabedoria Divina; a discípula principal; “a companheira” do Salvador; o alter-ego da Sofia caída, criadora do mundo.

No dia 22 de julho, a Igreja Católica celebra o dia de Santa Maria Madalena, onde se proclama o Evangelho de João (Jo 20, 1-2. 11-18), no qual Maria Madalena é a primeira testemunha da Ressurreição e o Cristo lhe confere a tarefa de anunciar a Boa Nova aos discípulos. No entanto, ainda hoje, para o imaginário coletivo, ela permanece como a pecadora penitente e arrependida.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM (1993). 9 ed. São Paulo, Paulinas.

BÔER, E. (2000). *Maria Madalena: oltre il mito all'á ricerca della sua vera identità*. Turim, Claudiana.

BRAUN, R. (2004). “Gnose”. In: LACOSTE, J.-Y. (ed.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo, Paulinas/Loyola.

DAUZAT, P. E. (2001). *L'invention de Marie-Madeleine*. Paris, Bayard.

DE VARAZZE, J. (2003). *Legenda áurea: vida de santos*. São Paulo, Companhia das Letras.

HASKINS, S. (1993) *María Magdalena: mito y metáfora*. Barcelona, Herder.

JUNOD, E. (2004). “Apócrifos”. In: LACOSTE, J.-Y. (ed.). *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo, Paulinas/Loyola.

LELOUP, J.Y. (2000). *O evangelho de Maria: Miriam de Magdala*. Petrópolis, Vozes.

LURKER, M. (1993). *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. São Paulo, Paulus.

RODRIGUES, C. J. A. (trad.) (2004). *Apócrifos e Pseudo-Epígrafes*. São Paulo, Editora Cristã Novo Século.

SEBASTIANI, L. (1995). *Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis, Vozes.

WÉNIN, A. (2004). “Metanóia”. In: LACOSTE, J.-Y. (ed.). Dicionário crítico de teologia. São Paulo, Paulinas/Loyola.